



PSICANÁLISE

Sérgio Telles

# Posto de observação

*Reverberações psicanalíticas  
sobre cotidiano, arte e literatura*

**Blucher**

# POSTO DE OBSERVAÇÃO

*Reverberações psicanalíticas sobre cotidiano,  
arte e literatura*

Sérgio Telles

*Posto de observação: reverberações psicanalíticas sobre cotidiano, arte e literatura*

© 2017 Sérgio Telles

Editora Edgard Blücher Ltda.

Imagem de capa: iStockphoto

# Blucher

---

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar  
04531-934 – São Paulo – SP – Brasil  
Tel.: 55 11 3078-5366  
[contato@blucher.com.br](mailto:contato@blucher.com.br)  
[www.blucher.com.br](http://www.blucher.com.br)

Segundo o Novo Acordo Ortográfico,  
conforme 5. ed. do *Vocabulário  
Ortográfico da Língua Portuguesa*,  
Academia Brasileira de Letras,  
março de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial  
por quaisquer meios sem autorização  
escrita da editora.

---

Todos os direitos reservados pela Editora  
Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação  
na Publicação (CIP)  
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

---

Telles, Sérgio

Posto de observação: reverberações  
psicanalíticas sobre cotidiano, arte e  
literatura / Sérgio Telles. – São Paulo:  
Blucher, 2017.  
380 p. : il.

Bibliografia

ISBN 978-85-212-1235-5

1. Psicanálise 2. Psicanálise e arte  
3. Psicanálise e cultura 4. Psicanálise  
e literatura I. Título.

17-1156

CDD 150.195

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Psicanálise

# Conteúdo

1. <i>A mãe e a irmã do artista</i> , de Édouard Vuillard	11
2. <i>As filhas de Edward Darley Boit</i> , de John Singer Sargent	17
3. <i>A queda de Ícaro</i> , de Pieter Bruegel	25
4. Em torno das diferenças anatômicas sexuais	33
5. Sobre “Um artista da fome”, de Franz Kafka	37
6. Confissão involuntária – sobre o caso Durst	47
7. Manipulações ideológicas da linguagem	51
8. Facetas do mal	57
9. Fiódor Dostoiévski, o terapeuta	61
10. Sobre a tortura	65
11. <i>Hannah Arendt</i> , um filme de aventura	69
12. Massa <i>versus</i> cidadania	73
13. <i>Martin Eden</i> , de Jack London	77

14. <i>A origem do mundo</i> , de Gustave Courbet	83
15. Heranças	89
16. O nome do pai	93
17. Psicoterapia e mercado	97
18. Conversa / Tradução / Humor	103
19. Bispo na Bienal	109
20. Política e mentiras	113
21. Mandar ou obedecer	119
22. Ficção e realidade em Philip Roth	123
23. <i>Cabeça de Medusa</i> , de Caravaggio	127
24. Delírios e ideologia na Noruega	133
25. Comprando roupas	137
26. Lembrando Hermann Hesse	141
27. Mensalão, assunto incontornável / Pedido de socorro	143
28. Tons do desejo feminino	149
29. Marcel Proust e sua mãe	153
30. Hilda Doolittle e os relatos de sua temporada no divã	159
31. Corpos despedaçados / Ivan Lessa	163
32. Gustav Klimt / Nazismo / Tipos de árvore	169
33. Difícil diagnóstico	175
34. Antropofagia e um pouco de Pina Bausch	179
35. Canibalismo	185

36. Tipos de violência / Assexualidade	189
37. Semáforos / Farmácias / Máscaras	193
38. Morte, um tema tabu	197
39. <i>Luto e melancolia</i> direto do alemão	203
40. De quem é a culpa?	207
41. Fugacidade / Daniel Piza	211
42. Religião e ética	215
43. Natal	221
44. Sobre roubo de sêmen e pênis	223
45. Acaso	227
46. Trotando no Ibirapuera	231
47. Garota na chuva / Steve Jobs	235
48. O menino suicida	239
49. Rui Barbosa / 11 de setembro	243
50. Resenha de <i>Katmandu e outros contos</i> , de Anna Maria Martins	247
51. Uma fila para ver o vazio	249
52. Christian Dunker e uma arqueologia da psicanálise	255
53. Franz Kafka, Jacques Derrida e a lei	259
54. W. G. Sebald e as lembranças de guerra	263
55. Renato Mezan e os desvãos da psicopatologia social	267
56. Jakob von Gunten, o estranho serviçal de Robert Walser	271
57. Colaboracionismo, um assunto espinhoso	287

58. Osama bin Laden, vilão ou herói	291
59. Livros póstumos	295
60. Alô, alô, Realengo, um triste abraço	299
61. Olhos para ver a pequena macaca, de Edgar Degas	305
62. Tartamudos, retóricos, oradores e escritores	309
63. Oscar / Godard / Carnaval	313
64. O divã e a bolha financeira	317
65. O pai no Édipo e na horda primitiva	321
66. <i>A psicanálise e o religioso</i> , de Philippe Julien	325
67. <i>Represálias selvagens</i> , de Peter Gay	327
68. Freud e Sauerwald, uma surpreendente aliança	331
69. Freud como no original	335
70. Freud em domínio público	339
71. <i>Derrida, um egípcio</i> , de Peter Sloterdijk	343
72. A psicanálise hoje	347
73. Dois relatos pessoais de desestruturação psíquica	351
74. “Cocô, volte aqui!”	357
75. William Shakespeare na atualidade	361
76. A literatura como o <i>Doppelgänger</i> da psicanálise – a relação de Freud com Schnitzler	367
77. Psicanálise, uma anticonfissão	375

# 1. *A mãe e a irmã do artista*, de Édouard Vuillard<sup>1</sup>

Perambulando pelo Museum of Modern Art (MoMA) de Nova York, fui fisgado por uma pequena tela exposta em um lugar de pouca visibilidade. Era *A mãe e a irmã do artista*, quadro de 1893, assinado por Édouard Vuillard, um pintor que até então não conhecia.

Meu interesse fora despertado pela forma com a qual o artista dispusera no espaço as figuras de sua irmã e de sua mãe, deixando patente a grande dificuldade existente no relacionamento das duas. O quadro é o sofrido depoimento de um conflito familiar do qual ele mesmo, Vuillard, não estava isento, já que é seu cronista e historiador.

A mãe do pintor, com sua figura maciça vestida de preto, possui uma grande força gravitacional. Sua face severa e seu gestual

---

1 Publicado em *Psychiatry on line Brasil*, v. 11, n. 5, maio 2006.

decidido, quase masculino – as pernas abertas muito afastadas, as mãos nos joelhos e um dos ombros desafiadoramente mais elevado –, dão a sua figura a aura de um inquestionável poder. Ali está ela: impositiva e inquisitorial, exercendo a ferro e fogo sua inflexível tirania. Um denso retângulo negro de onde emergem as manchas brancas das mãos e da face, tão concreta e robusta quanto a cômoda marrom logo atrás.



*A mãe e a irmã do artista* (1893), Édouard Vuillard,  
Museum of Modern Art.

A seu lado está a irmã do pintor, uma mulher jovem, frágil, que se inclina diante desse monólito negro. Para ela, não é possível ficar ereta, de pé, nem ocupar um lugar confortável na sala. Naquele recinto, sua única posição possível é curvada, em reverência à mãe, que parece exigir tais medidas e as recebe de modo impassível, indiferente, como sequer as notasse, mas deixando claro que não toleraria nenhuma negligência na prestação dessas homenagens.

A imagem da irmã é muito evocativa. Lembra um bambu dobrado pelo forte vento centrípeto, convergindo para o poder materno, ou uma árvore impedida de crescer por falta de espaço. Ali,

definitivamente, o espaço não é dela, mas sim da mãe, que nele reina inconteste.

À primeira vista, a irmã parece inclinar-se em reverência à mãe, prestando homenagens a sua soberania. Observando melhor, vê-se o medo no olhar assustado em seu rosto ensombrecido. Temerosa, ela resvala a parede, como se estivesse na presença de uma fera, para a qual não se ousa dar as costas por receio do bote fatal.

A irmã orbita calada em torno do terrível colosso negro, afundando maciamente na parede e fundindo-se com o papel colorido que a reveste, cujos matizes se concentram nos grandes quadrados de seu vestido elegante. É como se fosse uma extensão do próprio papel de parede, ou um utensílio doméstico, um móvel a mais na casa. Sua figura carece de consistência e solidez; ela parece atravessar as paredes, fluindo de um aposento para o outro como um débil fantasma sem poder de assombrar qualquer um, muito menos a inabalável mãe.

Pode-se dizer que a irmã não tem existência própria, vive em função da mãe, que a ignora, desprezando sua solicitude e sua vontade de agradá-la e de servi-la. A mãe só tem olhos para o filho pintor, a quem olha de frente, com exclusividade.

No quadro, Vuillard demonstra ter plena consciência da tensão quase mortífera que existe entre a irmã e a mãe. Ao preferir não registrar sua própria figura em cena, estaria tentando afastar-se desse conflito, afirmando que dele não participa? Se esse fora seu intento, não teve sucesso, dado que sua presença se faz evidente por ser aquele que registra na tela o acontecimento e, mais importante, por ser o inequívoco objeto do olhar materno. Assim, Vuillard é o terceiro personagem do drama familiar – o irmão, o filho –, que, apesar de ausente da cena, está nela inescapavelmente incluído, já que é quem a retrata e sobre quem repousa o olhar da mãe.

Posteriormente, conheci um pouco mais da vida e da obra de Vuillard. Soube, então, de sua longa ligação com a mãe, com quem viveu a vida inteira, sem constituir família própria. A mãe era costureira e tinha um *atelier* em sua residência. Daí viria o grande interesse do pintor por tecidos, texturas e interiores decorados, tantas vezes tomados como motivos em suas ricas obras.

Observando outros quadros de Vuillard, penso ter descoberto uma obra, chamada *A conversa* (1891), pintada dois anos antes de *A mãe e a irmã do artista*, na qual a tensão entre mãe e filha é esboçada de maneira mais contida.



*A conversa* (1891), Édouard Vuillard, National Gallery of Art.

Pelo que se vê na tela, a conversa evocada pelo título da obra não poderia ser muito amistosa. As duas mulheres estão em campos opostos do espaço, distantes uma da outra, tendo entre si uma mesa e uma cadeira. A posição da filha segurando a cadeira evoca o uso que dela fazem os domadores no picadeiro de um circo, onde a usam para espicaçar as feras e delas se defender.

Nesse quadro, a irmã parece um pouco mais forte, tem mais energia, consegue ficar de pé sem se curvar, pode se defender, manter a mãe (a fera) a distância; ao contrário do outro, em que se esgueira camuflada pelas paredes, tentando passar despercebida,

aprisionada em um espaço claustrofóbico. Como se quisesse deixar clara a ligação entre os dois quadros, Vuillard mostra, pendurado em um cabide ao fundo de *A conversa*, o mesmo vestido xadrez que a irmã usa posteriormente em *A mãe e a irmã do artista*.

Fica patente nesses dois quadros que o drama da irmã era percebido dolorosamente por Vuillard. No entanto, ele não se contentou com a mera denúncia ou registro da situação. Ativamente, o artista tentou ajudar a irmã, tirando-a da órbita da mãe: providenciou que ela se casasse com Kerr-Xavier Roussel, seu melhor amigo. A relação dos dois namorados é registrada por Vuillard no belo quadro *Interior com mesa de trabalho*, que os retrata no *atelier* de costura da família.



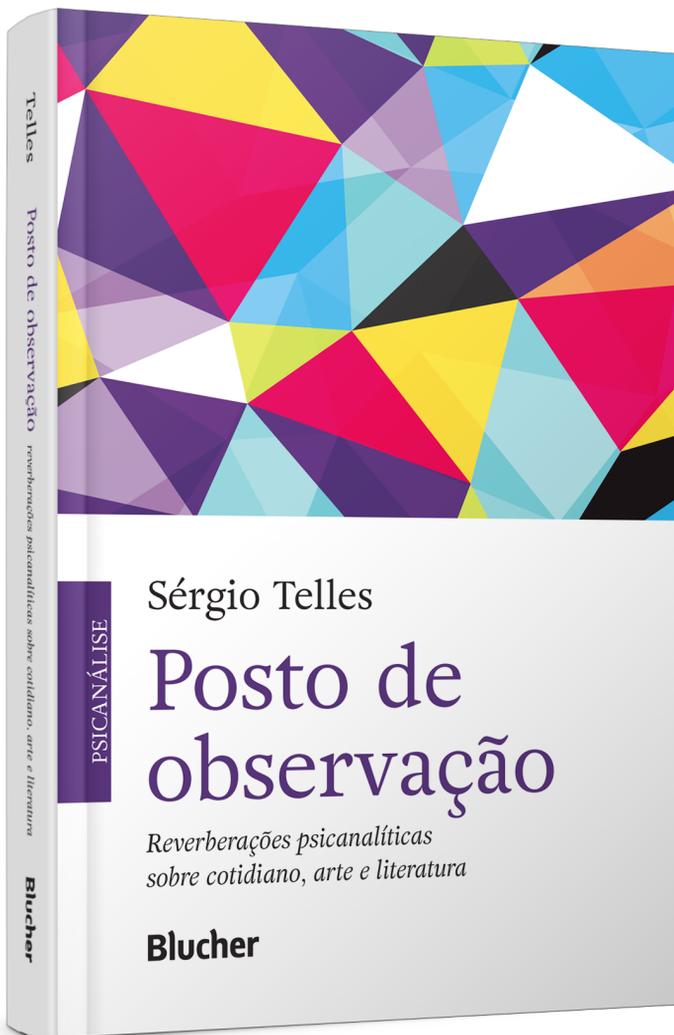
*Interior com mesa de trabalho* (1893), Édouard Vuillard,  
Smith College Museum of Art.

Infelizmente, sua tentativa fracassou. Roussel estava afetivamente envolvido com outra mulher e manteve a ligação durante todo o casamento com a irmã do pintor. Pode-se ver a desventura desse matrimônio arranjado no quadro *A família depois do jantar*, especialmente na postura estranha e pouco convencional da irmã.



*A família depois do jantar* (1891), Édouard Vuillard, coleção particular.

O que Vuillard teria efetivamente feito para solucionar o conflito familiar está perdido para sempre e só interessava a sua família. Porém, o pintor usou essa dolorosa experiência emocional para produzir obras de arte que continuam vivas e em interlocução com os que as veem hoje. A infelicidade e a tristeza que via ante seus olhos enquanto pintava *A mãe e a irmã do artista*, bem como sua compaixão com o sofrimento de seus entes queridos, continuam tocando profundamente aqueles que observam seus quadros, proporcionando-lhes mais conhecimento sobre si mesmos e seus semelhantes.



Clique aqui e:

[Veja na loja](#)

# Posto de Observação

## Reverberações Psicanalíticas sobre Cotidiano, Arte e Literatura

---

**Sérgio Telles**

ISBN: 9788521212355

Páginas: 380

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2017

---